

**MARIA IRENE RAMALHO DE
SOUSA SANTOS**

**A utopia igualitária na "naturalização" da
América**

nº 17

Abril 1990

Oficina do CES
Centro de Estudos Sociais
Coimbra

OFICINA DO CES

Publicação seriada do

Centro de Estudos Sociais

Praça de D. Dinis

Colégio de S. Jerónimo, Coimbra

Correspondência:

Apartado 3087, 3000 Coimbra

Maria Irene Ramalho de Sousa Santos*

A utopia igualitária na "naturalização" da América¹

I see that the elementary laws never apologize

Walt Whitman

Um dos fascínios que a descoberta da América trouxe à imaginação dos europeus foi a possibilidade de conceber de novo a natureza. A farta terra virgem do imenso continente por explorar parecia oferecer-se à humanidade como uma nova oportunidade de existência plena na terra.² Foi também desse modo que os primeiros americanos conceberam o Novo Mundo, e de forma tão influente o fizeram e com tanto êxito -- um êxito a que não virão decerto a ser alheias no século XIX, quer as concepções do sublime no romantismo anglo-americano, quer as ideias utópicas e de regeneração ecológico-artesanal, derivadas de Charles Fourier, John Ruskin ou William Morris -- que a história cultural da América pode hoje ser entendida como a história da sua própria constituição enquanto "natureza". É sobre este aparente paradoxo que me proponho reflectir aqui um pouco. O meu objectivo é repensar os fundamentos da ideologia igualitária que subjaz à democracia individualista americana. Por razões que se articularão também com a evolução recente no Leste da Europa, o excepcionalismo americano de novo concita o interesse dos estudiosos. Em certos sectores dos Estados Unidos o momento é até hoje, não surpreendentemente, de whitmaniana celebração do sistema político americano.

Como é sabido, a expressão "excepcionalismo americano" refere-se ao facto de os Estados Unidos serem o único país de capitalismo avançado onde o marxismo e o socialismo não tiveram qualquer projecção. O fenómeno tem sido estudado e muitas têm sido as razões aduzidas. Concorde, no entanto, com Leo Marx que, mais importante do que explicar por que

* Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigadora do Centro de Estudos Sociais.

¹ Este trabalho, ainda em curso, deve muito à comunidade científica do CES (Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra). Agradeço em especial as sugestões de António Gama Mendes e Boaventura de Sousa Santos.

² Cf., e. g., Lewis Mumford, *The Transformations of Man*. New York, Collier Books, 1962 [1956], cap. VI.

razão o marxismo não teve implantação nos Estados Unidos, é tentar analisar o que é que efectivamente teve.¹ No entender de Marx, a voz que se ouve nalguma esquerda, ou auto-designada esquerda americana a partir sobretudo dos anos sessenta é, mais do que a expressão de um ideal político, a idealização de uma forma de estar no mundo espiritualmente muito próxima das aspirações e impulsos pastoris, que dão forma a alguns dos textos mais célebres dos clássicos americanos do século XIX. Com a reflexão que informa aquilo a que chamo a "naturalização" da América pretendo levar um pouco mais longe essa análise de Leo Marx no estudo a que me tenho vindo a referir e que ele intitulou "Pastoralism in America". O que, a meu ver, parece facilmente levar à suspensão de considerações de ordem sócio-política na estruturação da sociedade americana e em muito do discurso americano que sobre ela se vai produzindo é o facto de à América, moderna construção artificial que é, ter sido sempre possível, em diferentes ocasiões e por uma razão ou por outra, imaginar-se idealmente como natureza -- ou re-inventar-se, justificando-se, como uma natureza sempre nova.

A título de exemplo, começo por lembrar dois factos bem conhecidos da história da América. O primeiro é a **Land Ordinance** de 1785, em que Thomas Jefferson traça a grelha que há-de servir de mapa ao território dos Estados Unidos, praticamente como hoje o conhecemos. Geometricamente rigoroso, o traçado deixa, por excesso de artifício, basicamente intocada, por assim dizer, a própria natureza do terreno.² A racionalidade extrema da métrica ortogonal na organização do Novo Mundo passa tão ostensivamente por cima das diferenças naturais, que essa definição do território por meridianos e paralelos não chega a penetrar, no imaginário americano, a ampla extensão de um terreno aberto e sem limites -- e a prová-lo, a rica tradição do vagabundo americano, real ou ficcional mas sempre sem fronteiras, de Daniel Boone a Natty Bumppo, de Walt Whitman a Huck Finn, de Kerouac a Sam Shepard. O segundo é a constituição dos parques naturais americanos no século XIX como "Monumentos Nacionais." Esta preocupação romântica de inspiração europeia é, no Novo Mundo, um gesto de construção artificial de tão grandes proporções que, quase poderíamos dizer, chega a fingir que é natureza a natureza que deveras é.

Qualquer destes factos denuncia a América como um enorme artefacto; porém, a própria natureza do artifício, se assim me poderei exprimir, gera uma confusão entre os dois termos, de

¹Leo Marx, "Pastoralism in America". In *Ideology and Classic American Literature* Ed. Sacvan Bercovitch and Myra Jehlen. Cambridge, Cambridge University Press, 1987 [1986], pp. 36-69. Com este artigo pretende Marx rever alguns aspectos do seu clássico *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America* New York, Oxford University Press, 1969 [1964].

²Cf. Philip Fisher, "Democratic Social Space: Whitman, Melville, and the Promise of American Transparency". In *Representations* 24 (Fall 1988).

certo modo os sobrepondo naquilo que ambos parecem ter em comum: a ahistoricidade da natureza e a atemporalidade da arte. Num e noutro caso, o que se inclui é uma sincronicidade orgânica que não deixa grande margem para uma intervenção empenhada, e o que fica de fora é, digamos, **naturalmente**, o explícito compromisso humano e social no devir da existência, a tal ponto que os dois termos -- arte e natureza -- nos parecem permutáveis na cultura americana. Não dizia Whitman, sobrepondo geografia, poesia e democracia, que os Estados Unidos são essencialmente o maior dos poemas? E não escreveu Stevens o poema que ocupou o lugar da montanha?

Numa visão pessoalíssima da América enquanto utopia realizada, recentemente publicada entre nós, cita Baudrillard uma afirmação de Octávio Paz, segundo a qual a América se criou com o propósito de escapar à história.¹ E que melhor forma a de uma nação escapar à história senão re-inventar-se como natureza para depois se deixar acontecer? "Nação da natureza" era justamente como os oradores republicanos se referiam à América na sequência do êxito da revolução, assim o justificando; acreditava-se que um caminho de esperança se abria à inocência de uma integração primeva e pura num solo não manchado pelo escuro passado da Europa. Talvez por isso a América pareceu o local mais promissor para pôr em prática um sem-número de ideias utópico-ecológicas concebidas numa Europa porventura irre recuperável. Num artigo oportuno que intitulou "Nature and the National Ego", Perry Miller explicava já em 1955 como durante o século XIX a tensão, no discurso americano, entre a natureza (pura) e a civilização (corrupta) acabava sempre por ter resolução na recuperação da natureza impoluta nos seus aspectos mais sublimes, independentemente das inegáveis consequências destrutivas do avanço implacável do progresso.² Não é ainda à recuperação dessa retórica que assistimos nos anos sessenta, com a "revolução verde" de Reich³ e a sua incorporação na cultura dominante, mediante a produção e mercadorização do "natural", desde os **flower people** aos **health foods**? E no que à história literária especificamente diz respeito, não terão os **Southern Agrarians** do início da década de trinta de ser repensados também a esta luz?

¹ Jean Baudrillard, *América* Lisboa, João Azevedo Editor, 1989. Embora Baudrillard não o cite exactamente, o livro de Paz de que se serve é, muito provavelmente, a versão americana de *Tiempo nublado* (*One Earth, Four or Five Worlds: Reflections on Contemporary History* [1985]), recentemente aparecida em tradução portuguesa. Cf. Octavio Paz, *Uma terra, quatro ou cinco mundos: reflexões sobre a história contemporânea* Tr. Wanda Ramos. Lisboa, Presença, 1989, pp. 34-35.

² Perry Miller, "Nature and the National Ego" [1955]. In *Errand into the Wilderness*. New York, Harper Torchbooks, 1964 [1956], pp. 204-216. Mais tarde, Miller haveria de voltar ao assunto num livro a que deu mesmo o título de *Nature's Nation* (1963).

³ Refiro-me ao **best seller** de Charles Reich, *The Greening of America* (New York, Random House, 1970), um livro que, só de Outubro de 1970 a Março de 1971, teve doze reimpressões.

A ideia de que a América é, mais do que qualquer outra, uma nação sancionada pela natureza, por nela supostamente estar tão profundamente mergulhada, constrói-se assim ao longo do século XIX, de forma aparentemente contraditória, tanto na retórica do progresso moderno, como na retórica pastoril dissidente do transcendentalismo americano (que, porém, não devemos confundir com mera nostalgia romântica). Quando falo da retórica do progresso moderno, quero referir-me tanto aos defensores e beneficiários da segunda revolução industrial, como aos seus críticos anti-modernos, recentemente estudados por Jackson Lears em *No Place of Grace*.¹ Quer a defesa da nova ordem económica, quer os ataques dos críticos às suas consequências de desumanizador materialismo se faz em nome da ordem providencial da natureza. Sublinho **providencial**, por razões que se tornarão mais claras quando abaixo me ocupar do ensaio *Nature* de Emerson. Para já, bastará sugerir que na evolução do pensamento americano a ideia da inevitabilidade orgânica da natureza, em geral considerada de uma perspectiva optimista, se vai gradualmente substituindo ao determinismo pessimista da teologia calvinista. E assim é que um dos capítulos mais interessantes do estudo da cultura americana no século XIX é o da naturalização do progresso tecnológico e industrial, um tema que Leo Marx tratou já em *The Machine in the Garden* e que Carolyn Porter desenvolveu mais tarde em *Seeing and Being*.² Marx falou então muito eloquentemente da eficácia da "retórica do sublime tecnológico", enquanto o termo **naturalização** é mesmo usado por Porter e depois retomado, com o mesmo sentido, ainda por Marx em "Pastoralism in America".³

Como nos lembra Carolyn Porter, os entusiastas do progresso moderno nos Estados Unidos na primeira metade do século XIX não podiam invocar testemunho melhor que a indústria têxtil de Lowell nas margens do Merrimack em Massachusetts. Porém, argumenta esta americanista, o impacto no imaginário americano dos teares hidráulicos das fábricas de Lowell, enquanto exemplo de progresso incondicional, de desenvolvimento imparável e de modernidade dinâmica, tem muito a ver com a aura metafórica pastoril que informa a linguagem

¹ Um estudo importante deste período da história da cultura americana é o de Jackson Lears, *No Place of Grace: Antimodernism and the Transformation of American Culture, 1880-1920*. New York, Pantheon Books, 1983 [1981].

² Carolyn Porter, *Seeing and Being: The Plight of the Participant Observer in Emerson, James, Adams, and Faulkner*. Middletown, Wesleyan University Press, 1981.

³ *The Machine in the Garden*, p. 195; *Seeing and Being*, p. 72; "Pastoralism in America", p.44. Ocorre-me aqui uma observação interessante de Thoreau em *Walden*. Lembrando-se, com saudade, do canto do galo, que não ouve no exílio da sua própria naturalização, diz o poeta: "The note of this once wild Indian pheasant is certainly the most remarkable of any bird's, and if they could be naturalized without being domesticated, it would soon become the most famous sound in our woods . . ." Cito de Henry David Thoreau, *Walden and Civil Disobedience* Ed. Owen Thomas. New York, Norton, 1966 (cf. p.85).

dos defensores do modernismo tecnológico. O exemplo que Porter nos oferece é o discurso do Dia da Independência proferido em Lowell em 1830 pelo educador e homem de letras, político e orador de renome, Edward Everett. Patrioticamente inspirado, sem dúvida, pelas celebrações do 4 de Julho, Everett não hesita em exaltar as excelências americanas de um processo de industrialização harmonioso, em contraste com o que na Europa atingira aspectos desumanos de dimensões reconhecidamente revoltantes. Na América a industrialização é diferente, diz Everett, porque a América é "diferente". Na América, insiste Everett, o sistema político garante a liberdade, e a liberdade, por sua vez, congregando todas as forças da natureza (com especial destaque, em vista das circunstâncias do discurso, para esse "capital natural" que é a água), a liberdade, dizia, qual força natural ela própria, anima e dá energia ao trabalho. A produtividade industrial parece assim ser o resultado natural da conjugação de forças também naturais. Da naturalização da indústria à neutralização das suas consequências negativas vai um pequeno passo, facilmente conseguido pela eficácia da retórica de Everett, que habilmente confunde no seu discurso a liberdade política, o trabalho e a natureza.¹ Por outras palavras, a América é diferente (ou utópica?), porque mantém essa relação original privilegiada com a ordem providencial da natureza.

A ordem providencial da natureza é a ordem invocada também -- aí, sim, previsivelmente -- pelos críticos da ideologia dominante de mecanização, industrialização e progresso. Entre eles contam-se os transcendentalistas americanos, com Emerson em lugar de destaque. Muito cedo dá Emerson forma americana ao idealismo germânico que o inspira também, ao publicar em 1836 (ou seja, apenas seis anos após o discurso de Everett citado acima) um longo ensaio intitulado *Nature*.² O ensaio ambiciona, de forma clara, constituir-se radicalmente em texto fundador de um modelo de sociedade alternativo ao que emerge da ideologia desenvolvimentista dominante, e dele sobretudo parte, como se verá, a concepção geral e o título do meu trabalho. Em oito partes antecederidas de uma introdução, o autor disserta sobre essa entidade que designa por "natureza" e cuja característica principal imediata é a abrangência totalizante. Os próprios subtítulos das oito partes que integram o ensaio (*Nature, Commodity, Beauty, Language, Discipline, Idealism, Spirit,*

¹Para o uso que faço do termo "neutralização" foi-me importante o livro de Louis Marin, *Utopiques: Jeux d'Espaces*. Paris, Minuit, 1988 [1973], esp. o cap. I. Reservo para um desenvolvimento posterior deste trabalho um aprofundamento das relações entre o neutro e a utopia (nos dois sentidos do termo: *outopia* 'não-lugar' e *eutopia* 'lugar de esperança'), enquanto discursos de disfarce ideológico ou de mediação dos contraditórios. Cf. também o comentário de Fredric Jameson a este livro de Marin em "Of Islands and Trenches: Naturalization and the Production of Utopian Discourse". In *Diacritics* (Summer 1979), pp. 2-21.

²Sirvo-me da colectânea de Stephen E. Whicher (ed.), *Selections from Ralph Waldo Emerson*. Boston, Riverside, 1960 [1957].

Prospects) sugerem que Emerson fala afinal, não da natureza, mas da cultura, uma na outra indistintamente fundidas. Ou, como há muito percebera já Kenneth Burke, do que Emerson fala em *Nature* é da sociedade.¹ Donde se poderá concluir que, onde no título se lê *Nature*, não seria precipitado ler *America*. Ou seja, em *Nature* nos oferece Emerson a nação traduzida em natureza. Resta acrescentar que a retórica emersoniana de naturalização tem como consequência necessária a neutralização do social e do político. Se os velhos valores agrários e a linguagem pastoril do republicanismo nostálgico serviram tão bem os objectivos modernizantes de defensores da industrialização, como Everett, não espantará que o discurso emersoniano venha a ser tão rapidamente incorporado na cultura dominante.

Logo na *Introdução* do seu ensaio Emerson distingue, seguindo a apropriação que Carlyle faz de Fichte em *Sartor Resartus*,² entre o Eu e o Não-eu, incluindo este último tudo o que o primeiro exclui -- a natureza, a arte, os outros homens --, sem esquecer o próprio corpo do sujeito. O sujeito, esse é um indivíduo ousadamente representado no capítulo seguinte (*Nature*) por um "olho transparente", todo só visibilidade, por onde circulam as férteis correntes vitais do ser natural universal. A sintonia transparente do sujeito é uma vivência individual de tal modo intensa e absorvente que não deixa lugar ao que de social tem a experiência humana. Confiante numa identidade divina que mais não é do que o seu pulsar sincrónico com a natureza, o sujeito reimagina-se indivíduo autónomo e auto-suficiente, capaz de conter em si só, ou de criar, o seu próprio mundo. A concepção de humanidade que permite a visão emersoniana é, pois, uma proliferação de indivíduos tão extaticamente concentrados na sua descoberta justamente enquanto indivíduos realizados num todo orgânico, que não lhes fica espaço para a construção social de uma qualquer relação com os outros. "The name of the nearest friend sounds then foreign and accidental: to be brothers, to be acquaintances, master or servant, is then a trifle and a disturbance". Talvez não devêssemos tomar demasiado à letra estas palavras de Emerson? O certo é que elas são a consequência, por assim dizer, **natural** de se apresentar a natureza -- e nem sequer já o deus do cristianismo solidário -- como a grande metáfora da autenticidade de realização humana. Claro que a natureza emersoniana inclui, como vimos, "os outros homens", mas a naturalização do ser neutraliza os conflitos políticos e as crises sociais, que acabam por ser

¹ Cf. Kenneth Burke, "I, Eye, Ay--Emerson's Early Essay 'Nature': Thoughts on the Machinery of Transcendence". In *Emerson's 'Nature': Origin, Growth, Meaning* Ed. Merton M. Sealts, Jr., and Alfred R. Ferguson. New York, Dodd, Mead & Company, Inc., 1969, pp. 150-163.

² *Sartor Resartus* foi publicado pela primeira vez em forma de livro por James Munroe em Boston em 1836 (a mesma data de *Nature*) a instâncias de Emerson, que é o autor do prefácio não assinado. Emerson e Carlyle conheceram-se na Escócia em 1833, mantendo depois à distância uma longa amizade.

inevitavelmente (i. e., **naturalmente**) subsumidos no acontecer fluido da existência. Onde os defensores da modernização tecnológica naturalizavam a indústria para lhe neutralizar os malefícios, o discurso emersoniano permite a naturalização da América inteira, neutralizando tudo o que possa pôr em causa a realização da utopia fundadora da nação.

Dada a importância que o pensamento de Emerson volta a ter na cultura dominante americana, valerá a pena citar com alguma demora o passo que me suscitou a reflexão precedente. Diz Emerson, logo na primeira parte do seu ensaio:

In the presence of nature a wild delight runs through the man, in spite of real sorrows Crossing a bare common, in snow puddles, at twilight, under a clouded sky, without having in my thoughts any occurrence of special good fortune, I have enjoyed a perfect exhilaration. I am glad to the brink of fear. In the woods, too, a man casts off his years, as the snake his slough, and at what period soever of his life is always a child. In the woods is perpetual youth. Within these plantations of God, a decorum and sanctity reign, a perennial festival is dressed, and the guest sees not how he should tire of them in a thousand years. In the woods we return to reason and faith. There I feel that nothing can befall me in life,--no disgrace, no calamity (leaving me my eyes), which nature cannot repair. Standing on the bare ground, -- my head bathed by the blithe air and uplifted into infinite space, -- all mean egotism vanishes. I become a transparent eyeball; I am nothing; I see all; the currents of the Universal Being circulate through me; I am part or parcel of God. The name of the nearest friend sounds then foreign and accidental: to be brothers, to be acquaintances, master or servant, is then a trifle and a disturbance. I am the lover of uncontained and immortal beauty. In the wilderness, I find something more dear and connate than in streets or villages. In the tranquil landscape, and especially in the distant line of the horizon, man beholds somewhat as beautiful as his own nature.

Como vemos, o tão citado "olho transparente" de Emerson não é mais do que uma ousada metáfora para a definição do humano como existência natural. Insisto nesta formulação -- "existência natural" -- porque assim a define e defende intransigentemente, com referência não só a Emerson, mas também a Thoreau e a Whitman, um cientista político americano contemporâneo com influência crescente. A "existência natural", declara George Kateb, é a única forma de evitar a "extinção humana", e só a "perfeição democrática do individualismo", acrescenta Kateb, a torna possível. No binómio **existência natural/extinção humana** a equação emersoniana entre o **humano** e o **natural** é bem clara. Por outro lado, é ainda o **individualismo** emersoniano que

informa a **perfeição democrática** de Kateb. A possibilidade de realização individual de todo e cada americano nessa relação privilegiada com a natureza é, segundo Kateb, a essência mesma da democracia americana. É nela que se realiza a utopia igualitária da América. Onde cada indivíduo americano vive a experiência exaltada de Emerson, de transparente naturalização, as relações e os conflitos sociais, se não chegam a ser um pequeno incómodo, não passam de insignificantes acidentes. Relembremos a formulação lapidar de Emerson: "The name of the nearest friend sounds then foreign and accidental: to be brothers, to be acquaintances, master or servant, is then a trifle and a disturbance." O que é interessante para mim, estudiosa das realidades e mitos da América, é que um intelectual americano como George Kateb seja capaz de recuperar em 1990 o pensamento de Emerson, sem o contextualizar histórica e politicamente, e sem problematizar a discrepância entre o idealismo igualitário do mestre de Concord e as profundas desigualdade sociais que a "perfeição democrática" do individualismo americano vai continuando acriar.¹

George Kateb é professor de Ciência Política na Universidade de Princeton. No seu curriculum contam-se, entre as suas primeiras obras, trabalhos sobre a utopia.² Mas o que têm vindo a dizer os seus ensaios mais recentes, que são de resto parte de um projecto mais ambicioso prestes a vir a lume em forma de livro, é que a utopia americana está viva e realizada (por assim dizer, na sua forma de ser **natureza**), e que por isso mesmo de novo se impõe reafirmá-la como modelo e farol do mundo. Sirvo-me aqui em particular de dois artigos publicados na revista *Raritrán* em 1986 e 1987,³ mas o sinal inequívoco da importância crescente e da influência deste cientista político foi a organização, no último congresso da Associação Americana de Estudos Americanos, que se realizou em Toronto em Novembro passado, de uma sessão inteiramente dedicada ao seu pensamento. É certo que essa sessão era ostensivamente sobre Walt Whitman, mas consistiu essencialmente numa longa comunicação de Kateb, comentada de seguida brevemente por quatro americanistas de diferentes áreas e orientações (Alan Trachtenberg, Leo Marx, David Bromwich e Nancy Rosenblum). Nessa sua comunicação de

¹ Uma crítica arguta da democracia individualista americana encontra-se em Octavio Paz, *Uma terra, quatro ou cinco mundos*, pp. 34ss. Paz analisa aqui o percurso da nação americana--cujo "bem comum" não passa, em seu entender, da "coexistência harmoniosa dos fins individuais"--desde as suas origens em acções individualistas de ascetas, mercadores e exploradores, até ao pensamento contemporâneo da filosofia moral **a-política** de John Rawls (*A Theory of Justice* [1971]), um dos mais aclamados profetas do liberalismo moderno.

² E.g., *Utopia and Its Enemies*. New York, Schocken, 1972. *Utopia Controversy*. Ed. and Intr. by George Kateb, New York, Atherton Press, 1971.

³ George Kateb, "Thinking about Human Extinction: (I) Nietzsche and Heidegger". In *Raritrán* 6/2 (Fall 1986), pp. 1-28; e "Thinking about Human Extinction (II): Emerson and Whitman". In *Raritrán* 6/3 (Winter 1987).

Toronto, Kateb não fez mais do que desenvolver consideravelmente a parte relativa a Whitman no segundo dos artigos que citei. Aí nos fala ele da "atenção igualitária" de Whitman a toda a "natureza terrestre". Liberta do imperativo divino que projectava a igualdade para a consolação do além, afirma Kateb, a democracia individualista, de que "Song of Myself" é a expressão maior, garante aos americanos a igualdade desejada no compromisso desinteressado ("detached attachment") com a "existência natural". Seria talvez aqui a ocasião de ponderar a "Saudação" de Álvaro de Campos ao "grande democrata epidérmico".¹

Pergunto-me se é de forma consciente que Kateb incorpora no seu discurso a naturalização da América herdada da retórica transcendentalista. Quando antes Whitman se regozijava, por exemplo, com a igualdade de acesso ao voto dos seus contemporâneos, quem votava eram tão-só os cidadãos brancos do sexo masculino com independência económica e instrução rudimentar. Hoje, quando Kateb anuncia a realização **natural** da utopia igualitária na democracia individualista americana, quem é que ficará de fora nesta nova neutralização do social? Ao conceber-se retoricamente como natureza, a América **naturalmente** se des-socializa, que é o que se tem vindo a acentuar de Reagan para cá, e os seus deserdados, a-sociais e por isso anti-naturais, acabarão por desaparecer, **naturalmente**, como as aranhas e as cobras de Emerson.²

¹Vem-me à ideia um passo muito conhecido do primeiro capítulo de *Walden*, em que Thoreau fala da identidade e autenticidade do ser em imagens sartoriais, e que começa assim: "We don garment after garment, as if we grew like exogenous plants by addition without. Our outside and often thin clothes are our epidermis or false skin, which partakes not of our life, and may be stripped off here and there without fatal injury . . ." Cf. op. cit., p. 16.

²Cf. Cf. a profecia do poeta órfico no final de *Nature* "disagreeable appearances, swine, spiders, snakes . . . (will disappear) . . ."